



Figura 22: Campo de Futebol na década de 30, localizado ao lado do prédio principal
Fonte: “ESAV 1939”

O sargento Waldemar Raul Kümmel, instrutor militar¹ nesse momento na instituição, “conseguiu para nós a praça de esportes², conquista gloriosa, pois, foi construída por uma turma de esforçados jovens sob a sábia orientação do nosso sargento” (REVISTA SEIVA, nº 05, 1964, pg 36). Observe que a presença militar já existia no início da ESAV, através do serviço militar obrigatório, no qual se destacou o sargento Kümmel, pois foi funcionário da ESAV e conciliando trabalho com estudo, formou-se em Agronomia nesta instituição, contribuindo muito com a propagação do esporte na Escola.

Observa-se que alguns valores do Espírito Esaviano já eram transmitidos pelos periódicos da instituição, estampado na união de todos para a construção de um espaço para a prática esportiva; na liderança do sargento que foi entendida como sábia e seguida pelos

¹ Cabe ressaltar que o serviço militar estava presente na instituição desde o início. Com o serviço militar, teremos práticas físicas e instrutores militares que vão contribuir na constituição do quadro de atividades físicas da Escola. O mais importante militar no desenvolvimento das práticas físicas na instituição foi Waldemar Raul Kümmel.

² A praça de esportes era composta por instalações que abrigavam a prática de basquetebol, atletismo, voleibol, futebol e tênis.

esforçados alunos, resultando na construção de um local que permitiria a disseminação do esporte na instituição.

Um periódico que nasceu na década de 40 vai explicar a construção da praça esportiva através da necessidade sentida quando os alunos se viram totalmente voltados para o campo intelectual: “A escola até então vivia quase que exclusivamente para o estudo, não tinham os estudantes o nosso clássico ‘racha’, à tarde” (REVISTA SEIVA, nº 05, 1964, p.36). Sentia-se a falta na ESAV de atividades físicas que permitissem aos alunos sair da rotina diária dos livros. Desta forma, a obrigatoriedade do incentivo ao esporte encontrado no regulamento de 1927 e a falta de uma Educação Física na Escola foram as principais causas da criação de um local específico para que acontecessem tais atividades.

Kümmel foi um dos militares presentes na ESAV neste período. Outros contribuíram para o progresso do esporte na instituição, incentivando-o junto à comunidade esaviana, além de exercerem a função principal de levar aos alunos o serviço militar obrigatório³ que se instalou na instituição desde sua origem.

As fontes indicam que foi devido à cooperação e entusiasmo de diversos técnicos, como Kümmel, que o esporte esaviano se manteve forte e coeso nas competições que disputavam. Entretanto, mesmo com a boa vontade e bom trabalho dos técnicos não-especializados⁴, começou-se nos anos finais da década de 30, a notar a falta de um técnico especialista, com formação superior:

De 1938 para cá o nosso esporte tem mantido graças à incomum boa vontade (...) e auxílio espontâneo de alguns professores como Kümmel, Pimenta, Raimundo Farias e outros, que dentro do âmbito de seus conhecimentos não especializados, conseguiram resultados naturalmente satisfatórios. (REVISTA SEIVA, nº 11, março/abril de 1943)

³ Esclareço que as fontes indicam a existência de um serviço militar obrigatório na instituição, entretanto, não foi possível compreender como se materializava esse serviço, seja com relação aos espaços, as ações, etc.

⁴ Quando falo em técnico não especializado refere-se a pessoas que não tem formação para trabalhar com as diferentes modalidades, já que nesse momento já tínhamos formação em Educação Física na Escola de Educação Física do Exército.

Agradecidos pela colaboração dos técnicos anteriores, alunos e professores da ESAV sentiam a necessidade de uma orientação esportiva especializada, que pudesse contribuir para elevar ao máximo as potencialidades dos esavianos a ponto de alcançarem mais glórias e glórias nas competições esportivas. Tal necessidade crescia cada vez mais com o tempo, chegando a ganhar vultosas proporções, sendo encontrada uma solicitação ufanista nas páginas da Revista Seiva (nº 11, 1943) da época: “A presença de um técnico esportivo num seleiro de atletas como é a ESAV, é tão imprescindível quanto a de oxigênio para os seres vivos”.

Observa-se que o técnico especializado era entendido como a salvação da glória esportiva esaviana, sem a qual tal prática ficaria estagnada ou definharia a ponto de perder aqueles potenciais atletas que a escola possuía, os quais na ausência de um especialista para orientar, não conseguiriam fazer aflorar toda sua capacidade a ponto de elevar o nome da ESAV ao topo do cenário esportivo.

A década de 40 foi importante para o esporte na ESAV. Contratou-se um técnico formado em Educação Física – Sílio Carlos Pereira; criou-se uma maior organização do esporte através da criação da Associação Esportiva Esaviana; equipou-se o departamento de esporte com recursos materiais e humanos – por exemplo, um médico especialista; reformou a praça esportiva, cimentando as quadras de basquetebol e colocando tabelas com novos formatos, como tinham lançado nos Estados Unidos naquele período; enfim, foi um período de muitas inovações no meio esportivo esaviano com o intuito de saírem da estagnação nas suas performances, buscando sempre vencer os adversários, elevando o nome da ESAV por meio do esporte.

Iniciativa das mais auspiciosas, idealizada pelo nosso mais popular esportista – Cincinnatus (...) a campanha do cimento há de ser como que um marco que passará à história da ESAV, como um exemplo vivo do que pode esse desejo sadio de querer servir à ‘Alma Mater’ (...) Um simples campo cimentado, verdade, mas uma quadra, que por ser de cimento, resistirá enquanto nos mantivermos sob o teto desta grande casa (...) Que todos,

portanto, procurem cooperar nessa feliz iniciativa para que, ao regressarmos no próximo ano, possamos encontrar concretizado esse ansioso desejo dos nossos entusiastas do basket-ball. (REVISTA SEIVA, nº 02, 1940, p. 32).

Observa-se que a cimentação das quadras de basquete era compreendida como uma ação em prol da “alma mater” – ESAV. Contribuir com tudo que elevasse o nome da instituição era um dos lemas dos alunos, portanto Cincinnatus lançou a campanha do cimento que consistia em arrecadar material para cimentar as quadras de basquetebol. Tal estrutura permitiria uma melhor prática da modalidade, fazendo-se necessário para o progresso do esporte naquele estabelecimento:

A melhor notícia que temos é sobre a campanha do cimento [...] graças a colaboração de todos aqueles que souberam compreender as necessidades de nossa organização esportiva, há determinada a cimentação de uma das quadras de basket. Para o melhoramento ser completo surgiu o desejo de se ter campo iluminado e as providências estão sendo tomadas. Com as recentes modificações por que tem passado o basket-ball as tabelas passaram de sua forma retangular para de leque. Este novo tipo de tabelas, desde há 3 anos está sendo estudado nos Estados Unidos e acaba de ser oficializada naquele país [...] (SEIVA, nº 03, pg. 32, 1941).

Nota-se que não apenas a cimentação era entendida como importante, mas também a iluminação das quadras e a troca das tabelas pelos novos modelos já existentes nos Estados Unidos para a maior organização esportiva na instituição. As tabelas nos indicam, novamente, a influência estrangeira na construção e consolidação do esporte esaviano, mostrando sua instalação como sinônimo de progresso esportivo.

A piscina revela um fato à parte. Na construção da praça esportiva em 1931, não havia a presença de uma piscina. Nadavam numa lagoa que havia na escola, sem participarem de competições regionais uma vez que não existia a prática com regras e equipamentos próprios.

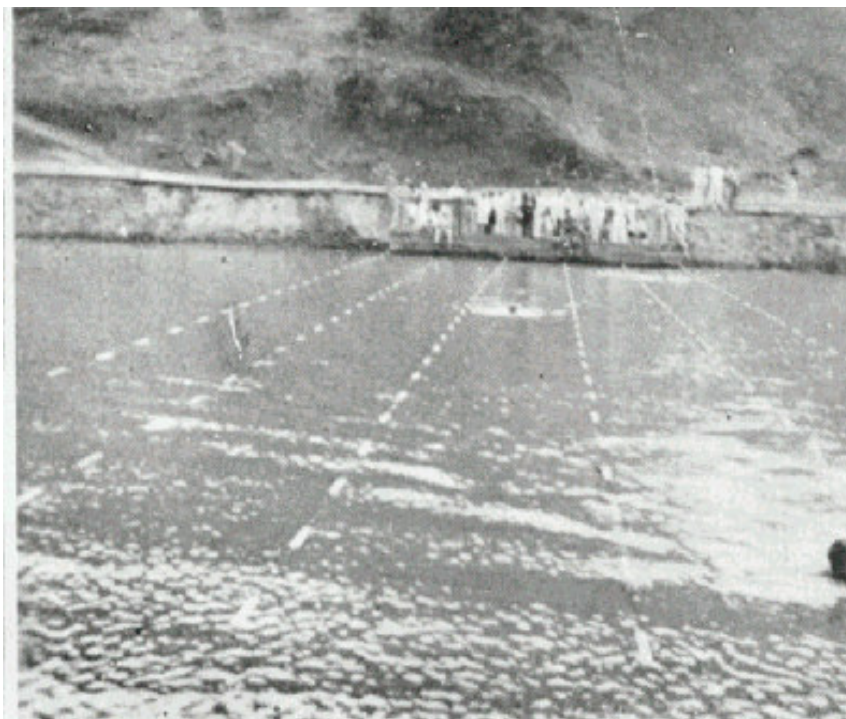


Figura 23: Lagoa onde aconteciam as provas de natação

Fonte: “ESAV 1939”

Porém, na década de 40, quando aflora a busca por uma maior organização do campo esportivo, tem-se uma maior cobrança também na busca da construção da piscina. Em 1945, as páginas do primeiro periódico (JORNAL O BONDE, nº01, 1945, p.03), nos mostram que “estão adiantados os trabalhos de construção da piscina [...] além das turmas de operários, nas horas vagas, tem afluído ao trabalho de movimento de terra, um grupo de colegas [...]”.

Apesar de adiantada a obra da piscina, não se consolidaria rapidamente como previsto. Em 1956, 11 anos após o primeiro anúncio de que a piscina estava em “adiantado” processo de construção, encontra-se que:

Em 11 anos de existência a nossa piscina tem uma longa história. Foi começada com trabalho de alunos que fizeram o desaterro para receber o arcabouço de concreto armado conforme o Bonde, em 1º de setembro de 1945 (...) a Piscina não tem passado de um impassível buraco para bater e secar feijão. Há 4 anos atrás foi feita uma ameaça de conclusão, que não passou de uma camada de massa para impermeabilização. (JORNAL O BONDE, nº177, 1956, p.02)

Nota-se que a piscina por um longo tempo não foi finalizada, ficando no plano das idéias e propostas⁵. A falta desta estrutura contribuiu para que a prática desta modalidade fosse deixada de lado:

Não concorreremos também a esta prova. Infelizmente não temos uma piscina para a prática deste salutar esporte. O que se vê nos prospectos de propaganda da Escola, sob a alcunha de piscina, não passa de um tanque condenado, paraíso de bactérias. Porém, correm rumores que, em futuro próximo, teremos uma [...]. (REVISTA SEIVA, nº17, 1944, p.34)

Observe que a falta de uma piscina nos moldes esportivos foi vista como o motivo para a inexistência de equipes preparadas para competições nessa modalidade. No entanto, o fato da inexistência de uma piscina não impossibilitou a prática desse esporte, a qual acontecia freqüentemente na lagoa localizada nas dependências da instituição.

Nota-se que a Escola teve uma vida esportiva muito ativa, principalmente porque professores, alunos e funcionários da instituição compreenderam que o fortalecimento da prática esportiva era uma forma de solidificar os valores modernos, civilizados, esperados pela instituição, assim como formariam um cidadão mais completo: com corpo de atleta e uma mente de sábio – este era o ideal que a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa almejava, e o esporte em muito contribuiu para a propagação deste ideal.

3.3 ESPORTE E ESPÍRITO ESAVIANO

Observa-se que a ESAV nasce compreendendo a prática corporal como importante elemento na formação do esaviano. Nos 4 anos iniciais da instituição, a formação corporal se dava através da ginástica e da instrução no serviço militar, além de práticas

⁵ As fontes não nos indicam ao certo o local, quando ou se foi concluída esta obra.

diversas que aconteciam sem grandes organizações ou obrigações. Em 1931, temos a institucionalização da obrigatoriedade da Educação Física, o que nos mostra a oficialização da inclusão de práticas corporais dentro da instituição. Cabe-nos uma pergunta: De que práticas corporais estamos falando? Qualquer uma? Logicamente que não.

A instituição propagaria práticas corporais que estivessem alinhadas com os ideais que a Escola estava almejando, portanto, seriam “lícitas”⁶ na instituição, a prática de ginástica – que se torna obrigatória nos cursos de graduação – e as modalidades esportivas, assim como os jogos modernos. Os jogos populares foram delegados aos dias de festas ou feriados, sendo pouco a pouco extinto, até mesmo nessas datas festivas.

No início das atividades da ESAV, era a ginástica obrigatória para todos os cursos. O preparo físico era a base da formação do homem, não apenas para a prática dos esportes, mas para suportar os embates árduos da luta pela vida. Compreendia-se, naquele tempo, que a ginástica tem por fim desenvolver as convenientes práticas ou exercícios nos alunos, levando-os a adotar o hábito de exercitar, de modo a que o corpo se desenvolva, mantendo vigor e vitalidade, por fim dar aos participantes atitudes de compreensão da necessidade de recreação e exercícios sistemáticos, jogos ou desportos; tem por fim prevenir e remediar atitudes viciadas ou defeitos corporais corrigíveis pelos exercícios; tem por fim ocasionar a prática de solidariedade, da compreensão do valor do grupo, do respeito à regras de uma atividade conjunta. E isto não é só Educação Física: É Educação cívica no melhor sentido da expressão. Tem por fim apresentar ao jovem a oportunidade para o exercício da lealdade consigo e para com os outros; para o esforço porfiado no sentido de vencer vencendo-se a si mesmo; para estima da limpeza do corpo e do espírito, para a disciplina pronta e consciente; para a iniciativa, para a coragem, para a modéstia, para a tolerância, para o valor. E tudo isso é Educação Moral. (REVISTA SEIVA, n. 39, 1952, pg 74)

A Educação Física, Cívica e Moral, aliada à formação intelectual que a instituição possibilitava, constituía a formação integral esaviana. A ESAV estava alinhada com os pensamentos do período histórico, acreditando na tríade spenceriana como solução para formar um indivíduo inteligente, sadio, forte, livre das moléstias do período histórico.

⁶ Novamente afirmo que não tenho indícios de uma proibição explícita, mas de uma resistência cultural, em que as pessoas passaram a vivenciar apenas as práticas esportivas e jogos modernos naquele espaço que queria se fazer moderno, civilizado.

Nesse sentido, a ginástica foi a prática escolhida como essencial para a formação física básica do homem esaviano. Acreditava-se que através da ginástica poderia solucionar desvios corporais corrigíveis pelo exercício, formando um aluno sadio e forte. Como afirma Vago (2000), a ginástica foi introduzida nas escolas “(...) na crença em suas possibilidades de transformar os corpos das crianças, representados como raquíticos, débeis e fracos, em desejados corpos saudáveis, belos, robustos e fortes”. Pensamento que pode ser estendido a jovens e adultos que também faziam parte desse contexto que queriam modificar através da formação do corpo do homem brasileiro.

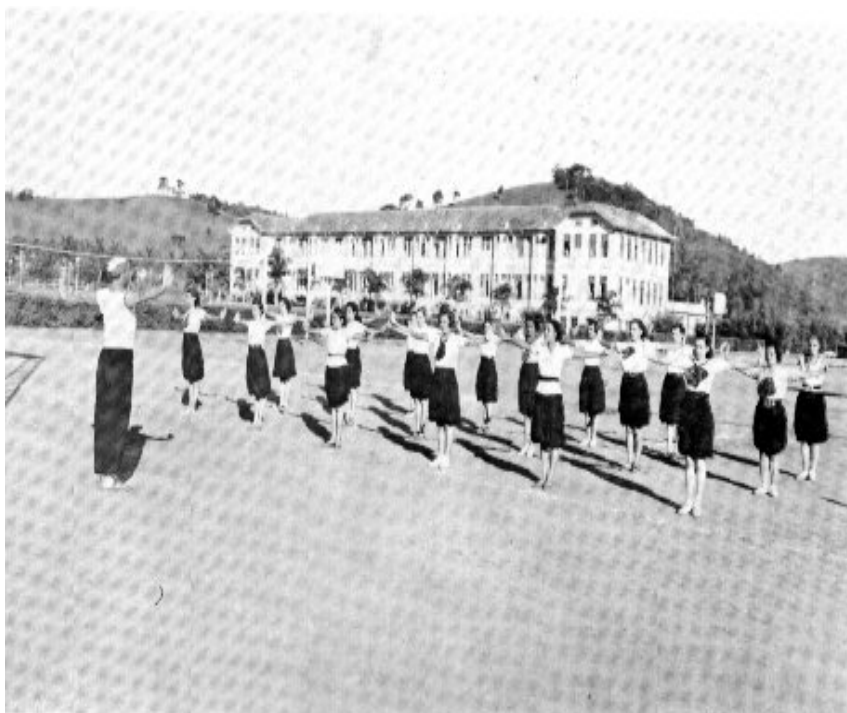


Figura 24: Aula de Educação Física, com o instrutor Kümmel, em 1934.
Fonte: Acervo Fotográfico da Universidade Federal de Viçosa

É importante termos em mente que a força física era compreendida como essencial para a formação do esaviano, uma vez que seu trabalho nem sempre era leve, tendo este que estar preparado para o trabalho pesado da vida agrícola: “Um corpo forte, flexível, ligeiro e dócil, é já, em si, um valor da mais alta estima; uma vontade firme, disciplinada,

pertinaz, é o complemento” (REVISTA SEIVA, nº35, 1951, pg. 45). Além da força física, acreditava-se que a disciplina e a vontade de lutar pela instituição eram valores essenciais para sua formação.

Apesar de a ginástica ter sido escolhida como a prática obrigatória da instituição, as práticas esportivas eram as que detinham maior prestígio frente aos alunos. O futebol, basquete e atletismo eram as modalidades que mais chamavam a atenção e tinham a participação de professores, alunos e funcionários na composição das equipes.

O que chamo de jogos modernos não eram vistos pela instituição como algo que contribuiria para o fortalecimento do corpo, para a disciplina, mas como uma prática compensatória, que contribuiria para o descanso dos alunos depois do exíguo trabalho intelectual. A formação do corpo ficava a cargo dos esportes modernos.

Todo esse quadro de práticas autorizadas vai contribuir para a consolidação dos valores da Escola, pois é através do esporte que o espírito esaviano vai ganhar caminho para atingir o coração e a mente dos esavianos, constituindo-se numa importante prática que contribuirá com a instituição no alcance dos seus objetivos.

Conforme mostrado anteriormente, a ESAV nasce com um quadro docente oriundo de diversas partes do país e do mundo; fato que influenciou na implantação de algumas práticas esportivas na Escola, assim como a permanência de muitas delas. Para esclarecer esse fato, temos o professor B. T. Snipes que – oriundo dos Estados Unidos - trouxe consigo os valores almejados pela Escola:

Há quatro anos, chagava para o magistério esaviano o Dr. B. T. Snipes, que rapidamente grangearia a amizade de todos os Esavianos. Perfeito atleta, tomou a si a direção do nosso quadro de bola ao cesto tornando-o forte e coeso. Como professor, impôs-se de sólida cultura e extraordinária capacidade de ensinar. Agora, porém, o cumprimento do dever chama-o de volta ao seu país para incorporar-se ao Exército Norte-americano”. (Dr. Raimundo Faria – Médico Esportivo da ESAV. In: Revista Seiva, nº 02, 1940, p. 34.)

Para Dr. Raimundo Faria, o período áureo do basquetebol na Escola se deu com a chegada do Dr. Snipes. Como excelente atleta, atuou defendendo as cores da Escola, disseminando a prática entre os alunos e funcionários. Somente abandonou a instituição para voltar a seu país de origem, para defender o exército norte-americano. Esse sentimento de defesa à Pátria pode ser observado na ESAV, sendo Pátria entendida como a própria instituição:

[...] cabe tão somente a nós mesmos. Cooperando com tudo aquilo que sirva para engrandecer o nome da ESAV; deixando de lado, nessas ocasiões, a mesquinhez das diversões mundanas, poderemos, com orgulho, dizer que reforçamos aquele esteio prestes a ser derrubado, e que aquele espírito que regia os que antes se assentaram nos bancos que hoje ocupamos continua inabalável, para maior glória desta Mãe carinhosa que, dêste modo, mais se orgulhará de seus filhos. (JORNAL O BONDE, n° 82, 1948, p. 02.).

A defesa da Pátria ESAV, da mãe carinhosa, da “alma mater” constitui um dos valores do Espírito Esaviano. Observamos a necessidade de juntar forças de modo que possa convergir na realização de tudo que contribuísse para fortalecer o espírito que sustentava o nome da Escola, elevando-a a vários lugares do país como uma instituição importante no cenário nacional. Esse sentimento de defesa das cores da instituição também estava presente nos esportes, o que nos indica uma relação entre Espírito Esaviano e esporte:

Haverá competições este ano se os atletas tiverem o propósito de defender com ardor as cores da ESAV [...] E certamente o ardor de nossos competidores, a fibra excelente de seus músculos, não se há de deixar dominar pela fadiga (REVISTA SEIVA, n.º05, 1941, p. 35).

Havia uma preocupação constante com a vitória. Acreditavam que defendendo as cores da Escola nas competições, estariam defendendo a própria ESAV. Os atletas eram vistos como pessoas geneticamente privilegiadas, possuidores de excelentes músculos que nunca se deixariam abater pela fadiga. A competência observada no tratamento do atleta nos mostra mais uma vertente do Espírito Esaviano, revelando que o mesmo estava presente nas práticas esportivas.

O professor José Cândido também se destacou no meio esportivo. Brilhante atleta, defendeu por muito tempo as cores da Escola. Ex-aluno, tornou-se docente logo ao formar-se, sendo enviado posteriormente para treinamento no exterior: “José Candido ao se formar, ficou como professor de Zoologia desta Escola e, como tal, foi mandado a estudar nos EUA, onde conseguiu em tempo Record o Ph.D [...]” (PAVAGEAU, 1991, p.05). Privilegiado pela formação recebida na instituição, destacou-se em seu treinamento como docente, conseguindo em tempo recorde o título almejado, demonstrando a liderança e a competência transmitida pela ESAV como valores do Espírito transmitido na Escola.

Não foi por acaso que o esporte tornou-se importante na ESAV. Ele possuía valores modernos que estavam alinhados com o objetivo da instituição. Numa matéria da revista Seiva, encontramos: “Na prática de esportes é que aprendemos, com mais propriedade [...] a nos controlar, a sermos mais disciplinados e é onde encontramos a oportunidade de nos transformarmos, *milagrosamente*, em indivíduos fortes e sadios” (REVISTA SEIVA, nº. 8, 1942, p.32).

Observem que o esporte era compreendido na instituição como o instrumento purificador, como milagre necessário para formar o esaviano forte e sadio. Esses valores podem ser vistos claramente numa descrição sobre como acontecia uma partida de basquete nos momentos de descanso dos alunos. Nesses momentos, a função não era simplesmente descansar dos problemas diários, dos trabalhos intelectuais, mas também se constituía num espaço de formação moral, física e cívica, que tanto era trabalhada na instituição:

“Como sempre, os campos de basquete são os mais freqüentados. Ali estão assiduamente, após as aulas, os amadores do esporte, usando dos 60 minutos de que dispõe para esquecer um pouco os livros, as provas, sabatinas e trabalhos práticos acumulantes. Os mais ‘secos’ são os primeiros a chegar. Apanham as bolas e começam logo com o grito característico dos campos esavianos – ‘olha racha’... e ‘falta um’. Com poucos momentos chegam os ‘pirús’ e, quando completam 10, dois dos mais ‘sedentos’ param a bola, organizam os times segundo a chapa do ‘par ou ímpar’ e começam a peleja... Peleja não, vamos dizer melhor, a ‘pelada’ porque para eles não é necessário juiz. É a consciência que manda. São 10 jogadores juizes. Treinam basquete

e treinam lealdade... Se um time ficou mais forte; permutam-se dois ou mais jogadores equiparando os quadros. E o jogo prossegue até que, cansados, um sugere – ‘Vamos a melhor das três para acabar... – vamos..., todos apóiam a uma só voz. Fazem-se as duas ou três cestas e, acabou-se o ‘tempo’. (REVISTA SEIVA, nº 05, 1941, p. 33).

Mesmo o esporte sendo colocado como prática responsável por aliviar as tensões criadas pelos inúmeros trabalhos teóricos dos alunos, nota-se que não era qualquer prática. Tratava-se de uma partida de basquetebol embutida de valores almejados pela sociedade esaviana, estampada na não necessidade da presença de árbitros, na lealdade dos alunos, como fator para o bom andamento do jogo.

Nota-se a presença da igualdade, que se traduzia na permuta de jogadores para tornar o jogo mais justo. A organização ficava a cargo dos próprios alunos, para os quais era a consciência que mandava nas suas ações. Como não poderia deixar de ser, a harmonia e o companheirismo entre os jogadores estavam presentes, decidindo juntos, o momento certo de parar, sem desavenças e individualismo. Ressalto que entendo esse discurso sobre a partida de basquetebol como sendo uma representação do tipo de esaviano que se queria no período, não permitindo afirmar que o aluno da Escola possuía todas as qualidades veiculadas nessa partida de basquetebol.

Sobre as diferentes competições que aconteciam na Escola, veiculava o pensamento de que o atleta deveria dar o melhor de si para vencer uma partida. Entretanto, se não fosse possível, aceitar a derrota seria uma atitude nobre e esperada para o aluno esaviano. Não bastava ganhar, era necessário saber perder. Várias pessoas vão escrever nos periódicos que o esporte será importante porque possibilitará vivenciar situações que podem ser encontradas na profissão, assim como vitórias e derrotas.

Contamos com sua fibra, com o seu entusiasmo, e com sua educação esportiva; a ESA exige isto de você, que não pode desapontá-la. Ela quer mais vitórias para as páginas de sua história esportiva. Entra em campo, com a mente voltada só para a vitória, mais se esta não surgir saiba também perder, pois é uma grande qualidade (JORNAL O BONDE, nº130, 1953, p.05)

A educação esportiva constituía uma vertente propagada pela instituição. Sempre quando jogadores não estavam empenhados na defesa das cores da Escola, ou estavam em desarmonia entre companheiros, eram sempre chamados atenção por meio dos periódicos, de modo que pudessem “corrigir” seus erros e defeitos para que o esporte tivesse louvor. Da mesma forma acontecia com o Espírito Esaviano, sempre sendo cobrada dos alunos a dedicação máxima à harmonização das relações e das ações:

Por que antigamente o esporte da ESAV era falado por toda parte? Será que tinha homens fisicamente mais formados que hoje? Duvido! O que havia era cooperação e entusiasmo. Era disciplina e a vontade de vencer. É disto que precisamos! Não é com brigas e insultos que se pratica o esporte. A cooperação, o incentivo e o respeito para com os outros, são fatores primordiais para conseguirmos vencer (...) Assim teremos vitórias e a reabilitação do esporte na ESAV será uma realidade. (JORNAL O BONDE, n.136, 1953, p.03).

A cooperação, entusiasmo, disciplina e vontade de vencer eram valores muito propagados, contribuindo na formação do Espírito Esaviano, o qual pairava pelos corredores e campos formando a alma dos que ocupavam os espaços na instituição, buscando criar um clima de harmonia, sintonia, de modo que todos dessem o melhor de si para que a instituição alcançasse o progresso esperado.

Vençamos, sendo porém preciso trabalhar com ânimo, com boa vontade, pondo de lado toda e qualquer paixão, assim como rancores pessoais, para assim com um espírito são, junto a um bom preparo físico, fazermos com que o nome da ESAV, que já é conhecido pelos seus trabalhos intelectuais, tenha suas fronteiras dilatadas também pelas suas conquistas esportivas. (JORNAL O BONDE, n.33, 1946, p.03)

Pode-se perceber que a Escola buscava sua projeção esportiva, assim como teve a projeção intelectual, sendo necessário, para isso, que os atletas entrassem em harmonia, sem brigas ou rancores e dessem o melhor para que o esporte brilhasse nas competições em que a Escola participava.

Temos que compreender, que ao eleger o esporte como uma importante prática que divulgaria a instituição, a mesma estava correndo um grande risco. Compreendemos que o esporte, assim como ele trabalha valores que são associados à modernidade, à civilidade, podendo, portanto, contribuir com a ESAV; esse mesmo esporte traz valores que não estão compatíveis com o que se espera, como desavenças, violência, brigas, conflitos. Portanto, encontramos várias passagens de desarmonia, brigas, violências:

[...] Quanto à formação do time que deve representar a Escola este ano, é preciso e espero que cessem as desavenças que tem havido nestes últimos dois anos, e também acabar de todo com mascarados e chorões no seu meio. Um quadro de futebol precisa de harmonia para que possa sempre enfrentar seus adversários sem vacilações, e um bom conjunto é o élen de inúmeras vitórias. (JORNAL O BONDE, n°14, 1946, p.03)

Os alunos que viveram os anos finais da instituição – enquanto ainda era denominada ESAV - estavam constantemente fazendo alusão às glórias esportivas dos esavianos do passado. Para eles, havia uma maior determinação, brio, comprometimento dos alunos e professores do passado com a defesa das cores esavianas; sendo necessário que os atuais esavianos acordassem para a prática esportiva, pois a mesma era compreendida como uma parte essencial do sucesso da instituição até aquele momento.

A este clamor, para os alunos do presente, segue o fato da atividade esportiva ter regredido muito em termos de volume de praticantes. A primeira década da instituição foi o período de maior prestígio do esporte na Escola, sendo que após esse período, temos uma diluição de sua prática, a qual foi acompanhada de campanhas de alunos e professores na busca por instaurar a força esportiva que entrava em decadência:

Não devemos deixar que as nossas gerações do passado suplantem a do presente. Precisamos restituir à ESAV os galardoes de glória que dela recebemos e não estamos sabendo manter. Para isso, basta apenas que os alunos atendam aos nossos apelos: Rumo aos campos de esportes. Façam de suas horas vagas um motivo de orgulho para nossa Escola. (REVISTA SEIVA, n.39, 1952, pg. 74)

Manter as glórias que receberam do passado: esse era o objetivo dos alunos nos anos finais da ESAV. A instituição, desde seu início, teve uma ampla atuação esportiva, de todos os setores: alunos, professores e funcionários; e nesse momento – últimos 5 anos de ESAV (1943-1948) – o esporte já se encontra em decadência, o que já começava a ser sinalizado nos finais dos anos 30 quando assinalavam a falta de um técnico especializado para melhorar a performance.

Contudo, os esavianos acreditavam que se os alunos destinassem suas horas vagas à prática esportiva, retornariam a adquirir o prestígio nessa área, que a instituição um dia possuiu, fazendo com que a mesma ficasse orgulhosa em reanimar uma parte da educação que muito contribuiu na formação dos que passaram pelos bancos da instituição nas décadas de 20 e 30.

Esse decréscimo da importância dedicada ao esporte nos momentos finais da ESAV provavelmente está relacionado ao retorno dos professores estrangeiros para seus países de origem, que deixavam aqui as práticas que traziam, mas lavavam o espírito esportivo que muito contribuía para a manutenção do esporte na instituição. Havia alunos, professores e demais funcionários, mas faltava o sentimento de identidade que foi tão trabalhado nos momentos iniciais da instituição.

Fica clara a importância do Espírito Esaviano e do esporte como partes essenciais da cultura escolar esaviana na contribuição da formação dos valores que a instituição acreditava ser fundamentais à formação do aluno. Não tenho a pretensão de assegurar que foram os únicos que contribuíram na formação da identidade esaviana tão procurada, nem tampouco estou a afirmar que conseguiram plenos êxitos, homogeneizando os diferentes comportamentos, valores, hábitos presentes em seu momento inicial. Entretanto, compreendo que o esporte foi fundamental para consolidar e propagar o Espírito Esaviano, veiculando uma

moral e sentimento de identidade institucional, sendo também responsáveis pela consolidação da instituição ao longo dos 22 anos de ESAV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho busquei mostrar que o Espírito Esaviano foi um importante dispositivo para que a instituição se firmasse como representante educacional de formação no campo agrário. A prática esportiva, juntamente com a veiculação dos periódicos, das reuniões gerais, das festas existentes, contribuiu com a consolidação e propagação desse Espírito – uma tradição inventada, que nasce na ESAV como forma de criar uma unidade, uma identidade, um engajamento, para que a instituição se consolidasse no cenário educacional agrário nacional.

Para entender a importância do Espírito Esaviano e do Esporte na instituição, cabe tecer algumas análises que me guiaram a essa compreensão.

É importante compreender que a instituição teve sua origem com base na política governamental de Arthur Bernardes, portanto, trata-se de uma ação política que visava fortalecer o Estado de Minas Gerais no campo agrário, modernizando a agricultura como forma de utilizar, da melhor forma, a enormidade de terras férteis existentes em Minas Gerais no momento histórico.

Ao almejar essa modernização da agricultura, foi contratado um norte-americano, Peter Henry Rolfs, que chegou com a função de fundar e dirigir uma instituição nos moldes dos Land Grant Colleges, existentes nos Estados Unidos há quase meio século. Como havia sido professor na Universidade da Flórida, com profundo conhecimento no campo agrícola, Peter encaminhou a missão que foi delegada a ele pelo presidente de Minas Gerais, Arthur Bernardes.

Nasce, assim, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), localizada em Viçosa, Minas Gerais. Para ser ícone de progresso agrícola, a instituição se pautou no método do “aprender fazendo”, no ensino “teórico-prático” que eram diretrizes educacionais importantes do modelo norte-americano.

Nesse caminho de compreensão da origem da ESAV, inserindo seu surgimento num contexto mais amplo, tornou-se fundamental compreender o pensamento educacional do período republicano, já que sua gênese encontra-se nesse período. Buscando autores que escreveram nesse momento histórico, pude perceber que a educação prática estava sendo pensada e amplamente discutida nesse contexto, me levando a compreender que a ESAV nasce pautada num modelo educacional que valorizava esse tipo de educação, numa sociedade que começava a almejar uma educação voltada para a aplicação no trabalho. Portanto, observei que a instituição nasce num momento que era propício para que lançasse suas bases.

Entretanto, pensava que somente ter nascido nessa ocasião favorável para sua propagação não era o bastante para que lograsse êxito no campo agrário. Além do mais, compreendi que o período republicano fazia-se caótico e instável, um período de grande desorganização e insatisfação popular com a nova forma de governo, no qual o brasileiro é visto como malandro, sem força, sem garra, fraco, raquítico, mole, doente, enfim, um verdadeiro “Jeca Tatu” na expressão de Monteiro Lobato.

Percebendo isso, sabendo que a instituição teria alunos que estavam imersos nesse ambiente republicano, observei que seria necessário moralizar esse aluno, ou seja, formar a moral com base numa nova dimensão do trabalho, além de valores modernos de comportamentos, atitudes e hábitos.

Quando iniciei a pesquisa já estava ciente de que a instituição foi importante no cenário agrário, entretanto, não tinha claro quais foram as principais ações que contribuíram para que a ESAV conseguisse se firmar no âmbito da ciência agrária, quais práticas

contribuíram para a formação da moral esaviana que tão importante foi na consolidação do conhecimento transmitido pela mesma.

Ao tentar compreender o contexto esaviano de sua criação, inicialmente busquei compreender a presença dos recursos humanos que formaram a instituição em seu início. Os professores vieram de países europeus e dos Estados Unidos, e de várias regiões do Brasil. Os alunos, na sua grande maioria, eram nascidos em Minas Gerais, nas regiões interioranas. Os funcionários, na maior parte, eram de Viçosa e regiões vizinhas. Esse quadro de pessoas que inicialmente ocuparam a ESAV portavam diferentes comportamentos, valores, hábitos, práticas; muitas das quais não estavam alinhadas com o padrão de modernidade em que a Escola propunha a constituir-se.

As fontes mostram que era preciso homogeneizar discursos, ações e comportamentos desses esavianos que habitam a Escola em seu início, se quisessem que todos lutassem em prol do crescimento da instituição. Para isso, surge o Espírito Esaviano como elemento que contribuiria com a criação de uma identidade na instituição. Ficou claro que a intenção não era formar uma identidade nacional como se fez na Primeira República que retratei no primeiro capítulo, ou como fizeram os Estados Unidos no pós-independência ao lançar o slogan “América para os americanos”; mas visavam criar uma identidade local, institucional, para que discentes, docentes e demais funcionários contribuíssem com o melhor que pudessem para engrandecer o nome da ESAV. É nesse sentido que compreendi a função do Espírito Esaviano na instituição: formar as almas esavianas.

Esse Espírito Esaviano transitava pela instituição como a função de formar moralmente todos que faziam parte da Escola, propagando valores como: solidariedade, amor à instituição, honestidade, liderança, humildade, constituindo alicerce para a formação cidadã que a instituição acreditava ser importante para o profissional que estava sendo preparado por ela.

Tamanho foi o esforço para que se cumprisse tal tarefa, que a instituição surge tendo em seu regulamento a inclusão de uma reunião geral semanalmente; entretanto, quando se iniciam as aulas, observa-se em outras fontes, que as reuniões gerais aconteceram diariamente como forma de inculcar nos esavianos, princípios, valores, comportamentos, que buscavam criar o chamado Espírito Esaviano; permitindo questionar a frequência semanal, mostrando que deveria ser destinado mais tempo do que o previsto, já que o trabalho deveria ser intenso devido às resistências encontradas entre os esavianos.

Juntamente com as reuniões gerais, que se estendiam aos alunos e aos funcionários, temos outros instrumentos de propagação do Espírito Esaviano, como: festas nos finais de semana, em feriados nacionais; o surgimento de dois periódicos – Revista Seiva e Jornal O Bonde; ações para que se formasse uma atmosfera representando um clima de identidade da forma que todos os esavianos se vissem na função de contribuir com o melhor que pudessem para consolidar a instituição.

Outra forma de propagação desse espírito foi através do esporte, que se fazia um lugar particular de trabalhar valores de liderança, cooperação, honestidade e todos outros valores presentes no que aqui é denominado de Espírito Esaviano.

Desde os momentos iniciais temos a prática esportiva na instituição, entretanto, observei que a variedade de práticas na Escola tem uma íntima relação com a diferença cultural apresentada pelas pessoas que vieram ocupar a instituição nos seus momentos iniciais. Desta forma, compreendo que juntamente com professores de vários países e diferentes locais do Brasil, e alunos de vários Estados brasileiros vão surgir na ESAV diferentes comportamentos, valores, hábitos e práticas, entre as quais, as esportivas.

Observando um periódico – Jornal de Viçosa – que compreende o período anterior a ESAV até seus momentos iniciais, observei que não existia prática esportiva na região de Viçosa além do futebol. Fazia-se uma prática com pouca importância na página do periódico,

acontecendo esporadicamente. Entretanto, ao iniciar as atividades esavianas, encontram-se diferentes práticas que me permitem inferir que seja proveniente dessa riqueza cultural que se constitui a ESAV em seu início.

O esporte na instituição possui duas funções distintas, que caminham paralelamente: 1) contribuir com a formação do corpo do esaviano, pois seria necessário um corpo forte, ágil, sadio para executar o trabalho agrário; 2) propagar valores almejados pela instituição, tais como: cooperação, liderança, defesa das cores esavianas, honestidade, entre outros, contribuindo com a formação moral do esaviano.

Ao pensar nesses valores propagados pelo esporte, veio-me duas indagações: Quais práticas esportivas serão institucionalizadas? Todas? na verdade, não. Apesar da quantidade de prática esportiva encontrada na instituição, nem todas se enraizaram nela. Anteriormente, havia mostrado que a instituição nasce pautada numa idéia modernizadora de agricultura, de civilização; portanto, as práticas que ocuparão lugar de destaque serão aquelas que mais se assemelham aos valores modernos almejados pela Escola.

Nessa esteira, observei que os esportes modernos foram os mais incentivados e praticados na instituição; seguidos pelos jogos modernos, os quais serviam para descansar os alunos do trabalho intelectual que a instituição transmitia através das disciplinas da grade curricular. Não encontrando seu lugar para serem praticados, temos os jogos populares, que por muito tempo ficaram restritos aos feriados nacionais, além dos jogos de azar, que eram terminantemente proibidos por regulamento, provavelmente por incitar a trapaça que não fazia parte dos valores almejados pela Escola.

Ainda com relação ao esporte, encontrei o futebol americano, que como as fontes indicam, também não encontrou seu lugar. Apesar de ser um esporte moderno, podemos entendê-lo como violento, com regras muito particulares que não chamou a atenção dos

praticantes esavianos, fazendo com que o mesmo fosse extinto daquele meio, ou ficasse delegado a pequeno número de participantes.

Entretanto, para fazer a análise sobre os esportes, me baseei nos periódicos existentes no momento e nos documentos históricos. Os periódicos foram a Revista Seiva e Jornal O Bonde, os quais eram escritos pelos alunos, não tendo, portanto, censura quanto ao que seria publicado. Nesse sentido, as práticas esportivas que encontrei nas páginas dos periódicos são as que podemos considerar as mais relevantes naquele ambiente. Contudo, não posso afirmar que não havia outras atividades físicas ou que as práticas populares ou o futebol americano, não aconteciam, mas afirmo que devido a sua pequena importância naquele ambiente, não eram divulgadas, não sendo vistas como importantes naquele lugar.

Nesse sentido, compreendi que o esporte foi importante na materialização Espírito Esaviano e juntos foram importantes na difusão de valores que estavam sendo almejado pela instituição. Observei no decorrer da pesquisa que esporte e Espírito Esaviano não atuavam isoladamente, mas existia uma íntima relação quanto aos princípios que eram transmitidos pelos dois, principalmente porque compreendo o Esporte como uma prática que contribuiu com a consolidação e propagação do espírito existente na comunidade esaviana. Portanto, cooperação, honestidade, liderança, defesa das cores da instituição, eram valores que perpassavam as discussões encontradas nas fontes, seja quando se refere ao Espírito Esaviano, seja quando se refere ao Esporte.

Portanto, a propagação desses valores foi importante para criar na comunidade esaviana um sentimento de identidade, de engajamento, no sentido de contribuir para que a instituição sobressaísse no cenário nacional. Logicamente não foram totalmente absorvidos pela comunidade esaviana, mas não podemos deixar de considerar a importância deles na constituição do profissional formado pela instituição.

Compreender a importância do Espírito Esaviano e do Esporte nesse cenário não se deu sem obstáculos, imprevistos. A maior limitação desse trabalho, assim como de muitos trabalhos no campo da historiografia da educação, está relacionada ao arquivo onde se encontram as fontes.

A maioria das fontes que permitiram esse debate encontra-se no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa, sem uma catalogação adequada, dificultando o acesso a documentos que poderiam contribuir no esclarecimento de fatos que não ficaram tão evidentes. Contudo, com a recente implantação do curso de História na Universidade – já se nota a inserção dos alunos no trato com as fontes que se encontram nesse arquivo – tenho a esperança de que novas pesquisas possam ser realizadas, trazendo fatos que não foram possíveis de serem trabalhos nesse estudo.

No mais, quando me lancei na tarefa de estudar o Esporte e o Espírito Esaviano como constituintes da cultura escolar esaviana não tive a pretensão de compreendê-los como os únicos que contribuíram para a criação de uma unidade, uma identidade local, para a solidificação da instituição. Pelo contrário, acredito que novos estudos são necessários para compreender como outras ações se constituíram naquele espaço, formando uma instituição que se projetou nacionalmente pelo tipo de ensino agrícola que ofereceu para centenas de alunos naquele período histórico.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, Tristão. Política e Letras. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo II**. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, pp. 47-80, 1981.
- AZEVEDO, Aluisio. **O Cortiço**. 26 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BAÍIA, A. C.. O Modelo Educacional dos Land Grant Colleges na ESAV: aproximações e afastamentos. In: **Anais do 3º Encontro de Pesquisas em Educação**. Uberaba, 2005b.
- BAIA, Anderson da C.; MORENO, Andrea; GUIDO, Humberto A. Espírito Esaviano e Esporte: Relações de Aproximação. In: **Anais do II Seminário do CEMEF – Cd-Room** . BH: UFMG, 2005a.
- BAIA, Anderson da Cunha; MORENO, Andrea; SILVA, André Luiz Santos. A Inserção da Mulher na Vida Esportiva da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa – (1926-1948). In: **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE – Cd-Room** (6 páginas). Porto Alegre, 2005c.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Klick, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BORGES, José Marcondes & SABIONE, Gustavo Soares (Orgs). Relatório de Construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV (1929) elaborado por: LISBOA, João Carlos Bello. Viçosa: Ed. UFV, 2004.
- BORGES, José Marcondes. **Escola Superior de Agricultura: origem-desenvolvimento-atualidade**. Viçosa: Editora da UREMIG, 1968.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.
- BUONICORE, Augusto C. **Expansão dos EUA na América Latina: origens remotas da Alca**. 6 de Agosto de 2002. Disponível em: <http://www.imediata.com/lancedados/ALCA/Augusto%20expansEUA.html%20>, Acesso em: 10 de Set. de 2006.
- CAPDEVILLE, Guy. **O Ensino Superior Agrícola no Brasil**. Viçosa: Imprensa Universitária/UFV, 1991.
- CARONE, Edgard. **A Primeira República (1889-1930)**. São Paulo: Difel, 1976.
- CARONE, Edgard. **O Tenentismo**. São Paulo: Difel, 1975.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados – o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARVALHO, Ronaldo. Bases da Nacionalidade Brasileira. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo II**. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 25-38.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA (ESAV). **ESAV 1939**. Viçosa: Editora da ESAV, 1939.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Escola Primária e da Educação Física no Brasil: Alguns apontamentos. In: Sousa, Eustáquia Salvadora de; & Vago, Tarcísio Mauro (orgs). **Trilhas e Partilhas: Educação Física na Cultura Escolar e nas Práticas Sociais**. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 43-58.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos metodológicos de um programa de pesquisa. In: Lopes, Alice C. & Macedo, Elizabeth. **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002, p. 13-36.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e história**. 3ªed. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 9ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O Método Francês e a Educação Física no Brasil: Da Caserna a Escola**. Tese de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

GONDRA, J. G. Medicina, Higiene e Educação Escolar. In: LOPES, E. M. T; FARIA FILHO, L. M. de & VEIGA, C. G. (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: autêntica, 2000. p. 519-550.

HOBSBAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. nº01, p.09-43, jan-jul 2001.

LEAL, Victor Nunes Leal. **Coronelismo, enxada e voto**. 5ª ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1986.

LEÃO, A Carneiro. Os deveres das novas gerações brasileiras. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo I**. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, p. 19-30, 1981.

LEÃO, A. Carneiro. **O Brasil e a Educação Popular**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1916.

LIMA, Antonio Luiz de; et al. **UFV 70 anos: A trajetória da Escola de Viçosa**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1996.

LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jeca Tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e fontes na História da Educação e Educação Física. In: **Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 35-49.

LOPES, Maria de Fátima. **O Sorriso das Paineiras: Construção de gênero em Universidade Rural**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O Esporte na Cidade**. Campinas-SP: Autores Associados (chancela editorial CBCE), 2001.

MAZO, Janice Zarpellon. **A história do Centro de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria: Um relato Cronológico**. Monografia de Especialização. Santa Maria/RS: UFSM, 1992.

MELO, V. A. **CidadeSportiva – primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001.

MINAYO, M. C de S. (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1994.

MIRANDA, Pontes de. Preliminares para a revisão constitucional. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo II**. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 1-24.

MORENO, Andrea. **Do corpo e da ginástica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos**. Tese de doutorado. Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976.

NEVINS, Allan; COMMANGER, Henry Steele. **Breve História dos Estados Unidos**. São Paulo: Alfa-ômega, 1986.

NOGUEIRA, José Antônio. O ideal brasileiro desenvolvido na Primeira República. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo I**. 2ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981 p. 69-82.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa – mudanças socioculturais; evolução histórica e tendências**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1990.

PAVAGEAU, Moacyr. **A origem da UFV, A Escola de Viçosa – memórias de um esaviano**. Viçosa: UFV, Imprensa universitária, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Fernando. **Reminiscências de uma época**. Viçosa: Ed. UFV, 1996.

RIBEIRO, Maria das Graças Marcelo. De Caubóis e Caipiras. Os Land Grant Colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. In: **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação**. Curitiba: UFPR, 2004.

ROLFS, Peter Henry. **Ensino Agrícola Mineiro e Brasileiro: These apresentada à Segunda Conferencia Nacional de Educação**. Rio de Janeiro: Comp. Nacional de Artes Graphicas, 1928.

SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, progresso e a Sociedade Civilizada: o partido republicano Paulista e a Política de Mão-de-obra (1870-1889)**. São Paulo: Hucitec, 1986

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org. do Volume) **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. vol. 03. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

TORRES, Alberto. **O problema Nacional brasileiro**. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

VAGO, Tarcísio Mauro. Cultura Escolar, Cultivo de Corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). In: FERREIRA NETO, Amarílio (org). **Pesquisa Histórica na Educação Física**. vol.05. Aracruz-ES: FACHA, 2000, p.73-112.

VAGO, Tarcísio Mauro. Das escrituras à escola pública: A Educação nas séries iniciais do ensino fundamental. In: Sousa, Eustáquia Salvadora de; & Vago, Tarcísio Mauro (orgs). **Trilhas e Partilhas: Educação Física na Cultura Escolar e nas Práticas Sociais**. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 59-94.

VERÍSSIMO, José. **A Educação Nacional**. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985,

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas Escolares – Estudo sobre práticas de leituras na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. História de la educación e histopra cultural – posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. nº0, p. 63-82, set-dez 1995.

Documentos Arquivados:

- *Revista SEIVA* - Analisei os 95 exemplares existentes no período de 1940 a 1985.
- *Jornal O Bonde* – Analisei os 200 primeiros exemplares do periódico, compreendendo o período de 1945 a 1955.
- *Jornal de Viçosa* – Analisei os exemplares compreendidos entre 1923 e 1928.
- Iconografia encontrada no Arquivo Central e Histórico da UFV.
- Regulamentos da ESAV de 1926/1927/1931/1947.

- Estatuto da ESAV de 1930.
Atas de 1929.